

Pedro Baptista, *O filósofo fantasma: Lúcio Pinheiro dos Santos*, Pref. Maria Celeste Natário, Zéfiro Ed., Lisboa 2010, 218 pp.; ISBN 978-989-677-032-7.

Esta obra traz não poucas descobertas sobre Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, professor da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a cujo quadro pertenceu, por convite de Leonardo Coimbra, desde 1919 até aos acontecimentos que rodearam a dissolução da Faculdade em 1927. É também um ensaio inovador para a compreensão de um período do pensamento em Portugal que sofre ainda com a captura por leituras ideológicas que procuram apresentá-lo como tendo uma orientação única e ideologicamente marcada. Essa leitura, que esta obra também pretende dissolver, não deixa ver com clareza a singularidade e a importância da actividade de pensador sensível e democrata empenhado que Lúcio Pinheiro dos Santos também foi, tal como o foram muitos dos seus companheiros daquela aventura académica e cívica portuense, forçados ao exílio ou ao abandono da vida universitária. O volume é constituído por três partes: a primeira oferece um ensaio de reconstituição e contextualização da vida e pensamento de Lúcio Pinheiro dos Santos (pp. 17-114), a segunda agrupa uma entrevista e 5 curtos textos da sua autoria (pp. 117-143, 171-201) e a tradução da síntese da sua teoria da ritmanálise tal como apresentada pelo grande filósofo e epistemólogo francês Gaston Bachelard (pp. 145-170), na terceira publica-se em fac-simile correspondência pessoal inédita (pp. 203-218). Ao longo da obra é também publicada valiosa e informativa documentação visual, com fotografias, retratos, portadas e esboços relacionados com Lúcio Pinheiro dos Santos.

A obra possui uma tripla orientação: 1) apresentar a vida e o pensamento de Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (Braga, 19.04.1889 – Rio de Janeiro, 11.11.1950) para fazer justiça à sua actividade de filósofo e de militante das causas democráticas, testemunhadas ao futuro em textos visionários, alguns dos quais são aqui pela primeira vez publicados em Portugal; 2) compreender melhor o juízo de Álvaro Ribeiro (cit. p. 41), que em carta de janeiro de 1937 diz que Lúcio Pinheiro dos Santos “deveria talvez ocupar hoje o lugar de primeiro filósofo português”, pois, “pelos seus artigos e comunicações a diversas sociedades científicas e filosóficas, goza de um prestígio extraordinário no Brasil”; 3) Reunir e editar todos os textos de Lúcio Pinheiro e outra documentação pessoal, em particular a correspondência pessoal com a esposa e a irmã (pp. 203-218). A partir de pesquisa aturada em bibliotecas e publicações, sobretudo brasileiras, assim como junto de familiares e amigos de Pinheiro dos Santos, o Autor enriquece sobremaneira um até agora magro dossier documental, republicando escritos esquecidos e nos quais se funda o ensaio de interpretação do seu pensamento. Os textos reencontrados e pela primeira vez reunidos permitem compreender e confirmar algumas das razões pelas quais foi recebido com não pouco incómodo e silêncio, ou foi deliberadamente marginalizado.

Os poucos e curtos estudos e intervenções públicas que Lúcio Pinheiro publicou são a base para reconstituir o perfil deste filósofo discreto e ignorado. O subtítulo previsto para esta obra era *Estudo e textos inéditos*. Acabou por ser abandonado, mas descreve na perfeição o seu conteúdo. Os capítulos iniciais, após o esboço de um perfil biográfico (“O espectro” e “O espectro tomando forma”, pp. 17-46), oferecem justa-

mente interpretações sobre os diferentes aspectos do pensamento de Lúcio Pinheiro dos Santos, acima de todos a relação com Gaston Bachelard e a apresentação obsequiosa e concordante que este faz da inovadora ritmanálise, que se configura como o contributo maior do pensador português para a filosofia (pp. 47-61). Mas são também devidamente valorizados o seu pensamento pedagógico e empenhamento em causas cívicas, o envolvimento político, a vida no Brasil onde se exilou e acabou por morrer depois de desistir do pedido de regresso ao país, como é documentado por correspondência inédita.

Quanto às suas preocupações teóricas, Pinheiro dos Santos, como se depreende pela sua reduzida obra publicada, configura-se em três vertentes que se interrelacionam e que são outros tantos modos de se colocar face à sua geração: primeiro a relação com Leonardo Coimbra, as propostas de reforma do ensino e a ligação à universidade (textos 1 e 2); seguidamente a descoberta de uma nova leitura da vida e do mundo, a ritmanálise, com a qual influencia Leonardo Coimbra e Gaston Bachelard (texto 3); por fim o comprometimento político e cívico com o mundo (textos 4 a 7).

O Autor pretende em primeiro lugar compreender Lúcio Pinheiro dos Santos no diálogo com o seu tempo e os problemas com que a sua geração se defronta (cfr. pp. 24, 29, 32, 69). A este propósito diga-se que à obra falta um índice onomástico no final do volume, para uma mais fácil percepção das relações intelectuais que Lúcio Pinheiro estabeleceu em diferentes contextos académicos e cívicos. Também seria útil uma bibliografia final que sistematizasse os textos de Lúcio e o que sobre ele se escreveu.

Um facto maior, a que não falta atribuição, do seu percurso biográfico é a ligação à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, embora nunca nela tenha assumido funções docentes. O próprio Lúcio descreve porque razões, vindo da polémica com a contestada nomeação em 1919 para reformar a Filosofia na Universidade de Coimbra não tendo formação em Filosofia, foi transferido para a recém criada Faculdade de Letras do Porto, recusando assumir a regência docente, por uma questão de honra. Como professor empossado do 6º Grupo de Ciências Filosóficas da nova Faculdade é eleito deputado em 1919 pelo Partido Republicano Português e em 1923 viajará em missão para a Índia, como Diretor do Estado da Índia, mas quando em 1927, após o seu regresso e um período de doença, procura regressar e assumir a regência já a Faculdade de Letras está a ser encerrada pelo Governo, o que finalmente o leva ao exílio:

Em verdade, seria eu o último a poder pôr quaisquer restrições ao valor filosófico do pensamento de Leonardo, pois foi ele o primeiro a compreender, por volta de 1916, a significação filosófica dos primeiros trabalhos da Ritmanálise que só vinte anos mais tarde haveriam de encontrar acolhida no pensamento de Bachelard, o filósofo do “novo espírito científico” e junto de alguns dos novos trabalhadores da moderna pesquisa filosófica. Tocando neste ponto, vejo-me forçado a dar meu testemunho da verdade, num caso em que ambos nos vimos envolvidos. E devo fazê-lo nestes termos nítidos e firmes: foi uma honra para mim, estando no Rio de Janeiro em 1919, a surpresa da minha nomeação para professor de filosofia da Universidade de Coimbra, feita por ele, no Governo revolucionário de restauração republicana que se seguiu a Monsanto, quando foram criados os Estatutos Filosóficos, nas Faculdades de Letras, e não havia nas universidades quem pudesse constituir um júri de concurso para filosofia. Esta honra, venho-a defendendo pela vida fora, e tive logo de defendê-la, desde o momento da posse, com a resolução de não assumir a regência das cadeiras, – utilizando, primeiro, o impedimento parlamentar, e, depois, uma comissão de

serviços na Índia, quando me afastei voluntariamente do parlamento, depois de reeleito – porque políticos sem fé, especialistas em “apaziguamento” que se seguiram ao Governo de Monsanto, resolveram negociar com a honra, que era minha, acreditando possível fazer-me baixar a cabeça, e me transferiram para a Faculdade de Letras do Porto, criada para esse fim, cedendo à “Questão” levantada nas Universidades contra as nomeações; e, ainda em 1927, foi para salvar a honra dessa nomeação que me vi obrigado a sair de Portugal, quando ia assumir a regência. Devia dizer isto, porque assim darei o exemplo de uma vida que sempre se mantém fiel, através de tudo, a um momento que terá sido o mais alto do pensamento de Leonardo Coimbra.

(«Profundidade e perenidade do pensamento de Leonardo Coimbra», em S. DIONÍSIO, ora., *Leonardo Coimbra: testemunho dos seus contemporâneos*, Ed. Tavares Martins, Porto 1950, cit. pp. 191-192)

Uma parte importante do volume, tal como outros estudos recentes, têm trazido à discussão o pensamento de Lúcio Pinheiro dos Santos a partir de algumas páginas centrais de *La dialectique et la durée*, uma obra de Gaston Bachelard publicada em 1936 em cuja Introdução ele mesmo escreve que «num curto capítulo que encerra o livro resumimos as teses mais marcantes de Pinheiro dos Santos». Esse Capítulo VIII dedicado à Ritmanálise começa desta forma:

Os estudos bastante complexos e variadíssimos de Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, tais como os pudemos conhecer, apresentam-se sob a forma de uma série de ensaios que o próprio autor considerava provisórios e sujeitos a revisão. Não pretendemos dar o seu plano de conjunto nem descrever as linhas múltiplas do seu desenvolvimento. Pretendemos apenas fixar alguns temas gerais e examinar quais as ressonâncias que estes temas podem determinar na nossa própria tese das durações essencialmente dialécticas, construídas sobre as ondulações e os ritmos. Para ser exposta com a amplitude que merece, a obra de Pinheiro dos Santos exigiria um trabalho muito mais vasto. Em variados domínios, a sua obra é extremamente sugestiva em experiências que poderão aliciar alguns trabalhadores, em busca de ideias novas.

(Gaston BACHELARD, *La dialectique de la durée*, passagem trad. por Pedro Baptista, p. 151)

Esses citados estudos encerram um enigma: é que apenas são conhecidos através desta obra de Gaston Bachelard. Estamos assim como com os filósofos pré-platónicos cujas obras se perderam e apenas nos chegaram por citações fragmentárias de autores posteriores. E também Pinheiro dos Santos teve apenas um leitor mediador. Felizmente Gaston Bachelard (1884-1962) foi um leitor atento e atencioso com os seus próprios leitores. Mesmo sendo já então um filósofo com reconhecimento crescente, então professor na Universidade de Dijon, na obra que se seguiu a *Le nouvel esprit scientifique*, de 1934, não hesita em dar voz ao desconhecido Lúcio Pinheiro dos Santos. Na Introdução a *La dialectique de la durée* explica mesmo:

há alguns anos, foi-nos confiada uma obra importante que, ao que sabemos, não foi ainda editada. Essa obra tem o belo título, luminoso e sugestivo: A Ritmanálise. Estudando-a, ficamos convictos de que, em psicologia, há lugar para uma Ritmanálise no mesmo sentido em que se fala de psicanálise.

(G. BACHELARD, *Idem*, cit., trad. de P. Baptista, p. 149)

E em nota Bachelard explica que o autor da *Ritmanálise* é «Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, professor de filosofia na Universidade do Porto (Brasil): *A ritmanálise*, publicação da “Sociedade de Psicologia e Filosofia”, Rio de Janeiro, 1931» (idem, p. 149, nota). Bachelard situa o Porto no Brasil seguramente porque é do Rio de Janeiro que Lúcio lhe envia o seu escrito. Os esforços de muitos já se dirigiram para o Brasil e para França, buscando a obra em arquivos e junto da família de Bachelard. Sem sucesso, tal como não o teve Pedro Baptista que a procurou também junto da família e de círculos próximos, ou em busca dessa mencionada “Sociedade de Psicologia e Filosofia” do Rio de Janeiro. A obra *A ritmanálise* apenas continua a chegar-nos filtrada por Bachelard e permanece uma questão aberta. Porque é que depois de a sua *Ritmanálise* ter entrado no mundo filosófico pela mão de Gaston Bachelard, que a usa de um modo tão entusiástico, Lúcio Pinheiro dos Santos não se decide a publicar a obra? Depois dessa retumbante entrada em filosofia, de que Lúcio tem conhecimento, como se lê no excerto citado da homenagem a Leonardo Coimbra, remete-se ao silêncio, não edita a obra, não a desenvolve. É um enigma a multiplicar o fantasma, o que nos leva à pergunta: afinal o que é que Bachelard leu dessa obra? E como é que a leu: em português, ou Lúcio enviou-lhe um resumo? As palavras de Bachelard ou a não existência do dossier no seu espólio, também não permitem deslindar essa parte mais textual do enigma. De qualquer modo, Bachelard diz que julga que a obra não está editada, embora na nota de rodapé a indique como publicada pela “Sociedade de Psicologia e Filosofia” de Rio de Janeiro, ela própria uma entidade fantasma, apenas conhecida por esta nota de Bachelard, podendo tratar-se de uma associação que o próprio Pinheiro dos Santos pensaria criar ou em cuja criação estaria envolvido. É relativamente mal conhecida a sua actividade no Brasil. Deve ter estado eivada de dificuldades não só pelas suas ligações e actividades políticas, como pela continuação das dificuldades de reconhecimento de títulos académicos que lhe limitavam a possibilidade de exercer a actividade de ensino universitário. Na apresentação deste mesmo livro, que ocorreu a 25 de junho de 2010 no Palacete dos Viscondes de Balsemão no Porto, o historiador António José Queiroz revelou que encontrou documentação e Actas, cuja publicação se aguarda, que atestam que no Brasil não foi reconhecido o título de licenciado a Lúcio Pinheiro dos Santos, impedindo-o assim de leccionar nas universidades brasileiras. Seguramente estas contingências profissionais limitavam as possibilidades de se dedicar à vida académica e podem explicar quer a iniciativa de enviar o seu trabalho a um filósofo francês, quer a falta de condições materiais e motivacionais para prover à sua publicação.

Para além de alguns textos de circunstância e enquanto não se reencontre esse texto perdido, a obra filosófica de Pinheiro dos Santos está praticamente confinada a essas intensas páginas que lhe dedicou Bachelard. Ao contrário a sua vida cívica foi amplamente mais rica e deixou mais traços, embora também discretos e já estivesse praticamente esquecida até esta nova investigação a trazer de novo ao conhecimento de todos. O envolvimento de Lúcio Pinheiro dos Santos em causas políticas era também ele orientado por uma perspectiva filosófica e de esperança no novo mundo, no mundo a vir. A reforma da educação está permanentemente entre as suas preocupações maiores, tal como o estado do mundo após a guerra, onde se revela a faceta de um cosmopolita ilustrado, e sobretudo o seu empenhamento contra o salazarismo na denúncia das suas

mentiras. Em “Posição da Europa” (reed. a pp. 193-201), curto texto que publica em número especial de 1947 do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, escreve:

continuamos negando nosso apoio a qualquer espécie de influência salazarista no Brasil, com suas pretensões de exercer a direção espiritual de uma política luso-brasileira, porque o salazarismo traz consigo o apodrecimento das consciências. (p. 201)

Na leitura do mundo Lúcio nunca perdeu a lucidez, daí que o livro poderia ter também um subtítulo que descrevesse o homem: *Lúcio Pinheiro dos Santos, o filósofo lúcido*. Mas, o Autor preferiu chamar ao título a ignorância que até agora tínhamos dele e sobretudo a forma indireta como a sua obra filosófica chegou (ou não chegou) até nós.

Pedro Baptista nem esconde o seu fascínio pelo filósofo e pelo homem que estuda, pela inventiva especulativa da ritmanálise como celebração da vida, pela sensibilidade poética do seu pensamento, pela frontalidade política, pela integridade do percurso acadêmico e pessoal, que mesmo sob a pressão das maiores adversidades pessoais, não cede na fidelidade aos princípios, pelo testemunho de um empenhamento na transformação do mundo. Esta obra, cuja publicação saudamos, diz-nos também muito sobre o seu Autor, que deste modo se empenha na redescoberta de alguém que contemporâneos seus pouco valorizaram, como mesmo alguns, talvez os mais próximos do círculo filosófico a que pertencia, cuidadosamente procuraram silenciar, não querendo conviver com a rejeição clara do salazarismo que marcara e seduzira uma boa parte dos intelectuais da geração de Lúcio Pinheiro dos Santos.

Nesse aspecto, a obra de Pedro Baptista procura ser também um elogio ao resistente que tinha esperança num mundo novo, como bem sublinha o final do já citado testemunho sobre Leonardo Coimbra, onde Pinheiro dos Santos recorda e deixa a sua homenagem ao inaugural espírito filosófico do fundador e grande dinamizador da auspiciosa mas de curta vida primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto:

deixando sob pesada pedra a saudade que me ficou do mais querido amigo desses tempos, que as circunstâncias fizeram vão, mas que eram cheios das mais audaciosas esperanças. As mesmas que nos voltam agora, na volta da espiral dos Tempos, em subida para os Tempos Novos. Quanto faltará ainda para que se chegue ao que se espera? Não importa, outros, depois de nós, farão o que nós não chegamos a fazer, e o farão com certeza. Esta é a alegria de um pensamento certo, que sabe que continuará no futuro do mundo. De Leonardo, filósofo, se pode dizer que, ao menos no melhor momento de sua vida, teve esta visão certa, a distância, que é a marca do verdadeiro espírito filosófico, sendo a filosofia o quadro dialético de todas as ciências do homem. Sua obra é a obra do poeta e do psicólogo, com o lastro de uma completa e profunda cultura, a cuja meditação se apresentou uma intuição original que abriu caminho ao pensamento do filósofo; e, com essa visão sua, ele colaborou, como filósofo português, na elaboração da nova síntese do pensamento que dará significação à época nova que nos estamos preparando para viver, em todo o mundo, livres do charlatanismo das soluções “preparadas”.

Ele estará ainda no futuro do pensamento português, e do pensamento do mundo, quando muitos que se julgam eternos, e quase divinos, já estarão definitivamente e felizmente mortos e enterrados no esquecimento, para alívio da vida.

(«Profundidade e perenidade do pensamento de Leonardo Coimbra», cit., pp. 191-192)

O parágrafo final deste texto de 1946, publicado em 1950, podemos nós agora aplicá-lo também a Lúcio Pinheiro dos Santos, depois de com esta obra Pedro Baptista o trazer de novo ao conhecimento de todos os que queiram compreender o seu pensamento e testemunho exemplares e que merece estar também no futuro do pensamento português.

José Meirinhos
(Departamento de Filosofia, FLUP;
Instituto de Filosofia)